# Reabilitação da sede do Banco de Portugal

Rehabilitation of Banco de Portugal headquarters

Rui Luis Furtado Marques Rui Miguel Alves Silva

#### Resumo

A empreitada de reabilitação e restauro do Edifício Sede do Banco de Portugal foi uma intervenção de grande escala que se desenvolveu por toda a área ocupada por um quarteirão da Baixa Pombalina. Este projeto tinha como objetivo o reforço da centralidade política, institucional e cultural da cidade de Lisboa na Baixa Pombalina.

O quarteirão era constituído por dez edifícios, que o Banco de Portugal foi comprando ao longo do tempo, entre os quais se destacava a antiga igreja de São Julião.

No decorrer dos trabalhos foi confirmada a existência da muralha de D. Diniz, que motivou uma grande alteração e perturbação no desenvolvimento da obra, de forma a ser possível a sua integração no projeto.

Neste artigo pretende-se descrever as diferentes etapas da evolução dos trabalhos, a coordenação das múltiplas atividades e as sucessivas adaptações que foi necessário efetuar no projeto e no planeamento da empreitada.

### **Abstract**

The rehabilitation and restoration work for the Banco de Portugal Head Office was a large-scale intervention which took place in the area occupied by one block in the downtown Pombaline area of Lisbon. The aim of this project was to reinforce the political, institutional and cultural centrality of the city in the downtown Pombaline area.

The block consisted of ten buildings which the Banco de Portugal had purchased over time, among which stood out the former church of S. Julião.

During the work, the existence of King Diniz's wall was confirmed, which caused a major alteration in the implementation of the work. In this article, we intend to describe the different stages of the evolution of the works, the coordination of the several activities and the successive adaptations that it was necessary to make to the project and in the planning for the undertaking.

Palavras-chave: Integração / Restauro / Arqueologia / Património

Keywords: Integration / Restoration / Archeology / Heritage

### Rui Luis Furtado Marques

HCI Construções, Portugal furtado.marques@hci.pt

### Rui Miguel Alves Silva

HCI Construções, Portugal rui.silva@hci.pt

#### Aviso legal

As opiniões manifestadas na Revista Portuguesa de Engenharia de Estruturas são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

#### Legal notice

The views expressed in the Portuguese Journal of Structural Engineering are the sole responsibility of the authors.

MARQUES, R.L.F. [et al.] — Reabilitação da sede do Banco de Portugal. **Revista Portuguesa de Engenharia de Estruturas**. Ed. LNEC. Série III. n.º 13. ISSN 2183-8488. (julho 2020) 93-102.

# 1 Introdução

O projeto de remodelação do Edifício Sede do Banco de Portugal constituiu um dos maiores desafios já realizados pela HCI Construções.

A dimensão da intervenção, que se estendeu por todo um quarteirão da Baixa Pombalina, repleto de história, foi muito complexa e abrangente pois foi necessário recorrer a todas as técnicas conhecidas e disponíveis, conservação, reparação, restauro, reconstrução, renovação e construção nova [1].

No início do processo ainda na fase de elaboração do projeto foi necessário um estudo aprofundado da história do edifício-quarteirão, um conjunto alargado de inspeções para verificar o estado do edifício do ponto de vista estrutural e ainda uma campanha de sondagens geológicas e arqueológicas [1].

Existe um pequeno trecho na memória descritiva do projeto, da autoria dos Arquitetos Gonçalo Byrne e João Pedro Falcão de Campos, que explica bem e de uma forma sucinta este desafio:

«O projeto procurou uma visão unitária de toda a intervenção, um desejo de continuidade e complementaridade, em que o novo e o contemporâneo, o original e a reparação, o restauro e a intervenção proposta se incorporam numa nova singularidade que responde às necessidades de utilidade e beleza.» [1]

# 2 Enquadramento histórico

São do século XIII os registos da construção da muralha de D. Dinis, na baixa da cidade velha que se desenvolvia desde as colinas no sentido ribeirinho. Com efeito, sobre esta muralha, descrita em diversos elementos históricos, mas sem qualquer registo visual até à data de execução desta obra, recaíam indícios de que o seu traçado fosse coincidente com o quarteirão do Edifício Sede do Banco de Portugal [2].

O tecido urbano anterior ao grande terramoto de Lisboa regista a existência da Igreja da Patriarcal, previsivelmente coincidente com a atual Igreja de São Julião, monumento eclesiástico fortemente enriquecido pela vontade de D. João V [2].

Após o terramoto, resultou um novo quarteirão que incluiu edifícios e uma nova sede paroquial da Igreja de São Julião. Esta Igreja inaugurada em 1802 sofreu um incêndio bastante destruidor em 1816. As obras de recuperação viriam a ser concluídas em 1854, com uma interessante incorporação das cantarias dos restos da obra inacabada do convento de São Francisco da Cidade [2].

Foi em 1870 que o Banco instalou a sua sede adquirindo para esse efeito os dois primeiros edifícios deste quarteirão, ambos justapostos à Rua do Ouro. Até 1933 o Banco de Portugal adquiriu progressivamente todos os demais 7 edifícios consumando nesta data o acordo de aquisição da Igreja de São Julião. Entre 1870 e a década de 1970, o Banco de Portugal, estudou várias soluções para a sua sede: — a relocalização desta para a Avenida de Berna; — um novo edifício a executar no mesmo local sob o projeto de autoria do Arquiteto Porfírio Pardal Monteiro que não passou do papel; - trasladação da igreja e execução de edifícios que prolongavam a imagem Pombalina do quarteirão, obra cujo início foi suspenso devido ao descontentamento popular [2].

Desde 1870, até ao lançamento desta obra, o Banco viu-se forçado a fazer alterações de forma pontual e sem uma integração geral, o que justificou a elevada heterogeneidade das soluções estruturais, edifício a edifício e piso a piso.

Os objetivos desta obra integraram na reabilitação o enriquecimento do património histórico deste quarteirão que inclui as ruínas da Muralha de D. Dinis (devidamente musealizada), as fundações da Igreja Patriarcal do séc. XVII (registadas nos trabalhos de arqueologia), os elementos edificados na Igreja de São Julião, edificada em 1802 e reconstruída em 1854, e a própria história que Banco de Portugal construiu com notáveis elementos de segurança de valores, por si só dignos de notabilidade.

# 3 Estratégia de abordagem à empreitada

Tendo em conta as orientações do Projeto, a HCI, na qualidade de empreiteiro geral, procurou organizar a obra de forma a conseguir executá-la dentro do prazo previsto e respeitando todas as exigências do Caderno de Encargos.

Nesse sentido, foi dividida a obra/quarteirão em três grandes zonas:

- Igreja,
- Edifícios de Sacrifício,
- Edifícios Correntes.

### E. SACRIFICIO







**IGREJA** 

E. CORRENTES

Figura 1 Organização da divisão da obra

Cada uma destas zonas tinha as suas exigências particulares.

Na Igreja que irá funcionar como espaço cultural polivalente e onde será posteriormente instalado o Museu do Dinheiro, estavam previstas grandes demolições, lâminas de betão, novos pisos nas alas laterais, escavação geral, novas coberturas e restauro total na nave central e a reconstrução de uma extraordinária estrutura de cobertura, mantendo e recuperando as linhas originais.

Nos **Edificios de Sacrifício** (que receberam esse nome porque iriam ser sacrificados para funcionarem como centro de acomodação e distribuição de infraestruturas e novos acessos verticais), estava prevista a sua demolição integral, mantendo apenas as fachadas, escavação total de mais um piso e a construção de novos núcleos de elevadores e escadas em betão armado que iriam garantir rigidez estrutural a todo o quarteirão.

Nos **Edifícios Correntes** estavam previstas demolições localizadas, mas complexas, reforços das paredes e pavimentos existentes, nova cobertura com nova utilização e a manutenção do programa decorativo existente com restauro de azulejos, carpintarias e tecidos.



Figura 2 Demolição na zona do altar da igreja



**Figura 3** Aspeto do escoramento interior dos edifícios de sacrifício durante a fase de escavação

95



Figura 4 Preparação dos trabalhos para a nova estrutura de cobertura

### 4 Início dos trabalhos

Após os trabalhos de demolição e com o início dos trabalhos de arqueologia, confirmou-se a existência da Muralha D. Diniz, património nacional, e foram ainda encontrados troços da primitiva Cabeceira do Altar-Mor e a existência duma Necrópole na antiga Igreja.

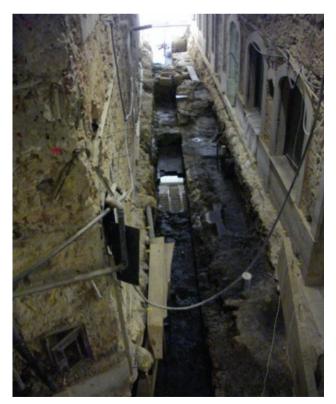


Figura 5 A descoberta da Muralha de D. Dinis

Com o desenvolvimento dos trabalhos de escavação arqueológica foram descobertas cerca de 300 ossadas, cujas exumações condicionaram todo o desenvolvimento do trabalho na igreja, e foram ainda identificadas e recolhidas diversas estacas e grelhas pombalinas e fragmentos cerâmicos.



Figura 6 Escavação arqueológica no interior da igreja

Do ponto de vista estrutural constatou-se que a estrutura existente diferia significativamente em várias zonas das expectativas resultantes das sondagens estruturais prévias à elaboração do projeto.



Figura 7 Planta de sobreposição da proposta com os achados arqueológicos [1]

# 5 Reorganização da empreitada

Face ao volume desta nova informação, foi necessário adaptar os projetos à realidade encontrada em obra, o que motivou uma enorme perturbação na evolução da empreitada, com as seguintes consequências:

- Suspensão dos trabalhos em toda a zona onde foi encontrada a Muralha D. Diniz (45 ml, desde o tardoz da Igreja ao extremo oposto do Saguão);
- Atraso nos trabalhos de fundações, estrutura da Igreja e Edifícios de Sacrifício devido ao grande número de achados arqueológicos;
- Integração no projeto de restauro da Igreja dos antigos paramentos do Altar-Mor;

 Redefinição dos reforços de vários elementos estruturais com base na realidade existente em obra.

Face a este novo enquadramento, redefiniu-se a organização da obra com a subdivisão das três zonas inicialmente definidas:

- A zona da Igreja foi dividida em seis subzonas
- A zona dos Edifícios de Sacrifício manteve-se autónoma;
- A zona dos Edifícios Correntes foi dividida em dez subzonas.



Figura 8 Organização da obra após as várias descobertas

A necessidade desta divisão da obra resultou das características da intervenção em cada uma das subzonas e do estado de desenvolvimento dos trabalhos em cada uma delas depois de efetuada a reorganização do projeto.

Foi, portanto, necessário compatibilizar dentro de cada uma das zonas os trabalhos de estrutura e instalações técnicas com o início dos trabalhos de conservação e restauro.

#### 5.1 Igreja

A reprogramação funcional da antiga Igreja, que visava a construção do novo Museu do Dinheiro, contemplava as demolições complexas dos cofres em estrutura de betão armado construídos na década de setenta do século passado dentro do altar-mor e das capelas laterais. Durante este trabalho, foi possível perceber que, atrás dos

elementos de betão, existiam ainda as cantarias originais da Igreja restaurada em 1854.

A metodologia de demolição foi revista, adaptando ferramentas e equipamentos, por forma a permitir o melhor sucesso nos trabalhos de construção e restauro.

A remoção das marcações das cantarias interiores, outrora metodologia para trasladação da Igreja, foi uma das maiores dificuldades do restauro, uma vez que a penetração na estrutura da pedra era muito gravosa e não foram utilizados quaisquer métodos abrasivos.

O restauro incidiu também sobre os frescos, em particular pela grande pintura sobre o coro alto, no interior da fachada principal e oposta ao arco com a coroa real.



Figura 9 Descoberta do antigo altar-mor da igreja

Nas alas laterais foram criados pisos de madeira apoiados em estruturas mistas (madeira / metal) para criar os espaços necessários ao Museu do Dinheiro.



Figura 10 Trabalhos de restauro de frescos no coro alto



Figura 11 Montagem da estrutura de madeira do teto da igreja

Na nave central, altar-mor e coro alto, após a execução da nova cobertura e massame, foi montado um andaime em toda a periferia para a execução de todo o trabalho de restauro das cantarias e púlpitos e uma plataforma de trabalho num nível superior para possibilitar a execução de um novo teto, idêntico ao existente na igreja antes da sua demolição.

Foram ainda efetuadas duas intervenções muito complexas, a suspensão provisória da torre sineira para permitir a montagem de um elevador cuja estrutura a suportou e a transferência da porta do cofre-forte, que estava instalado numa cave, para uma parede da ala sul, passando a fazer parte da instalação do museu do dinheiro.



Figura 12 Recolocação da porta do cofre-forte

### 5.2 Edifícios sacrifício

Esta foi uma zona muito complexa, pois estando já prevista a escavação de mais um piso abaixo no nível freático e a execução de uma nova estrutura, a descoberta da muralha de D. Diniz e a

consequente suspensão dos trabalhos veio introduzir alterações ao projeto e ainda mais dificuldades.

Uma vez que esta zona já fazia parte do caminho crítico da empreitada foi necessária uma especial concentração de meios e de esforços pois era necessário não só concluir toda a nova superestrutura, mas também garantir a ligação física desta zona a todos os pisos dos Edifícios Correntes e às zonas de ligação à igreja.



Figura 13 Vista do altar-mor do interior dos edifícios de sacrifício

#### 5.3 Edifícios correntes

Nestes edifícios a zona afetada pelas descobertas foi apenas a zona do saguão pelo que após a execução da nova cobertura, dos reforços de estrutura e dos novos ductos para passagem das instalações técnicas, foi possível iniciar nas outras áreas os diversos trabalhos de acabamento.



Figura 14 Execução de trabalhos no novo piso dos edifícios correntes

Foram assim efetuados os diversos trabalhos de recuperação: dos tetos e pavimentos em madeira das salas e gabinetes, dos tecidos existentes nas salas mais nobres, dos paramentos em azulejo das zonas públicas e do antigo elevador (um dos primeiros em Lisboa que chegou a ser movido a água).



Figura 15 Recuperação de revestimentos em salas nobres

No novo piso de cobertura foi criada uma claraboia que possibilita a entrada de luz natural não só para esse piso mas também para o renovado saguão.

Com esta reorganização foi possível avançar em simultâneo em todas as zonas do quarteirão dando prioridade à conclusão da zona da igreja de modo a possibilitar os trabalhos preparatórios à instalação do museu do dinheiro.



Figura 16 Vista do renovado saguão iluminado pela nova claraboia

### 6 Conclusão

A empreitada de remodelação do Edifício Sede do Banco de Portugal foi um enorme trabalho de equipa que envolveu os representantes do Dono de Obra, uma grande equipa de projeto coordenada e liderada pelos Arquitetos Gonçalo Byrne e João Pedro Falcão de Campos, um extraordinário acompanhamento de obra pela empresa projetista de estruturas, A2P, liderada pelo Eng. Vasco Appleton, a HCI, Construções, S.A. como empreiteiro geral e um vasto conjunto de fornecedores e subempreiteiros que ultrapassou a centena.

Nesta obra trabalharam mais de 2000 técnicos e operários das diferentes especialidades, chegando a ser mais de 400 pessoas no pico diário de atividade.

Para a concretização dos trabalhos e dos níveis de rigor e qualidade contratados foi, portanto, necessária uma grande coordenação e integração de todos os intervenientes aos vários níveis.

O resultado final desta empreitada de grande exigência comprova que quando se pretende atingir um elevado grau de realização é decisiva a qualidade inicial do projeto e o rigor na coordenação, controlo e execução do trabalho.

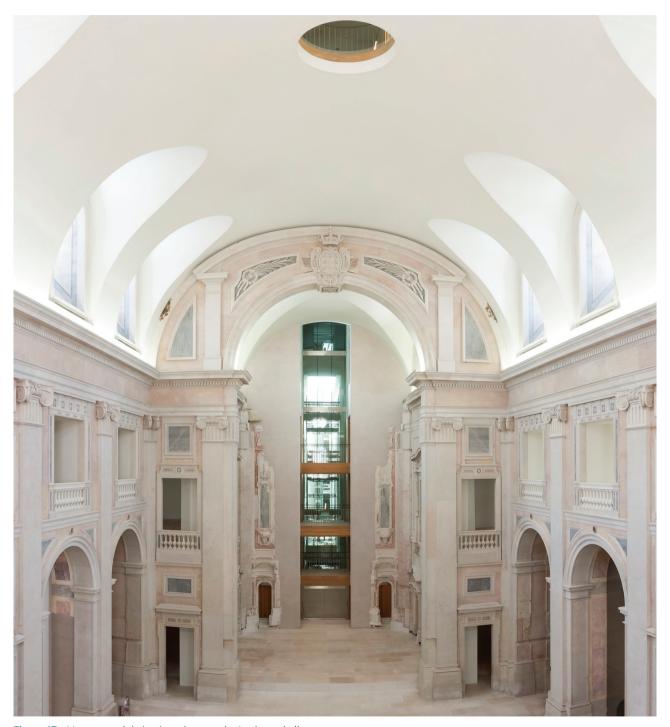


Figura 17 Nave central da igreja após a conclusão dos trabalhos

# Referências

- [1] PINHEIRO DE SOUSA BYRNE, Gonçalo Nuno; FALCÃO DE CAMPOS, João Pedro, 2012 – *Memória Descritiva do Edifício Sede do Banco de Portugal*.
- [2] SARMENTO DE MATOS, José; FERREIRA PAULO, Jorge, 2016 *Um Sítio na Baixa: A Sede do Banco de Portugal.* Lisboa: Banco de Portugal. 2.ª Edição. 978-989-678-379-2.

Reabilitação da sede do Banco de Portugal Rui Luis Furtado Marques, Rui Miguel Alves Silva